

# O PARTIDO LIBERAL

DIRECTOR POLITICO E RESPONSÁVEL — GUALDINO VALLADARES

1.º ANNO

DOMINGO 22 DE JULHO DE 1866

NUMERO 36

## INTERIOR

BRAGA

### Instrução publica

O nosso illustre collega do *Jornal do Porto* — inegavelmente um dos primeiros jornaes do paiz — discorre nos artigos de fundo dos n.ºs 155 e 159 sobre a projectada reforma da instrução publica. Apresenta bellas considerações sobre o modo por que tal reforma devesse ser feita e tambem sobre o modo por que receia ella seja executada pelo actual governo. Camaradas politicos do *Jornal do Porto*, desejáramos de veras estar em pleno accordo com as suas ideias, sem a mais minima discrepancia. Todavia, embora accordes na generalidade d'ellas, não podemos, sem falta de sinceridade e como representantes dos interesses d'esta capital do Minho, Jeixar de desinvolver as nossas theorias sobre a reforma da Instrução, ainda nos pontos divergentes com as opiniões do estimavel collega. Fal-o-hemos desportivamente, apenas com o arrojio que dá a convicção; e d'esta vez mui singellamente, ao correr da penna, seguindo só os contornos do assumpto. Occupações diversas vedam-nos maior detença e apuro.

Dezjáramos ouvir o collega sobre esta primeira parte antes de proseguirmos no desenvolvimento d'ella.

Entendemos uós, como entende o *Jornal do Porto*, que a Instrução é um dos ramos de serviço publico que mais urge descentralizar. Se a centralisação do ensino foi inútil e até necessaria na meia-idade, isto é, na epocha de maxima descentralisação politica e administrativa, hoje as circumstancias mudaram e, quando tudo o mais tende a centralisar-se, só a instrução publica caminha n'um sentido opposto. E' esta, por assim dizer, como o sangue no corpo animal que nunca deve refluir todo a um centro só, mas circular por todos os membros e arterias aonde leva a vida e o calor.

Pedindo desculpa de não insistir agora na explicação d'este incidente, que implica com uma das mais importantes e debatidas questões do tempo, o author d'este artigo não duvida de o tractar largamente n'outra occasião.

Diziamos nós que queremos a instrução descentralizada, sem comtudo querermos sacrificar a preeminencia da capital. Esta, contendo em si a Academia Real das sciencias, dous ou tres cursos superiores de ensino official e mais alguns cursos livres facéis de sustentar em uma cidade rica e populosa, ficaria sufficientemente galardoada nas suas ambições de supremacia intellectual.

Em quanto á universidade de Coimbra, entendemos que não é faltar aos deveres de gratidão para com uma boa mãe, o julgarmos que ella nada perderia com a ausencia da faculdade de medicina, a qual iria formar um corpo só com a eschola medico-cirurgica de Lisboa. A eschola medico-cirurgica do Porto ficaria no pé em que está, podendo os seus alumnos graduarem-se na faculdade da capital e os seus professores leccionarem tambem n'ella.

Em Coimbra restariam, conservando o nome de Universidade, as faculdades de sciencias exactas (mathematica theorica e philosophia natural) e a de Direito, juntando-se a estas uma faculdade de Letras, comprehendendo historia, litteratura, philologia, e philosophia transcendental. A necessidade d'esta ultima innovação prova-se com fortissimos argumentos e com o exemplo das nações mais adiantadas. O curso superior de letras, fundado em Lisboa pelo bom rei o snr. D. Pedro V não satisfaz, como tivemos occasião de observar *in locis*, ás exigencias de um ensino sério, rigoroso e profundo.

No Porto haveria além da eschola medico-cirurgica, que já se disse, e uma eschola superior de ensino professional (artes e industria) extinguindo-se a actual academia polytechnica, como curso de habilitação para engenharia de pontes e calçadas.

Se se reconhece a necessidade da fundação de cursos profissionaes; em nenhuma terra poderão caber melhor do que no Porto, cidade de grande movimento fabril, industrial e commercial.

A faculdade de theologia separar-se-hia da universidade de Coimbra, fundando-se iguaes faculdades em Santarém, Vizeu e Braga. Estas faculdades dividir-se-hiam em dous cursos: um incompleto para os alumnos que aspirassem aos graus menores da hierarchia ecclesiastica; outro completo para os que aspirassem aos graus superiores.

Além d'isto devesse estabelecer-se em Braga um curso de sciencias e artes agricolas.

Desta maneira conseguiria Braga representar na esphera intellectual o mesmo papel que representa, em quanto a população e riqueza, como capital das duas provincias do norte — Minho e Traz-os montes.

Talvez fosse util fundar-se tambem em uma das cidades do Alentejo, por exemplo Extremoz, uma eschola practica de minas.

Eis aqui, pois, os principios segundo os quaes nos parece devesse ser praticada na Instrução superior uma reforma radical e verdadeira, accommodada ás circumstancias locais e ao espirito do seculo.

Isto no tocante a organização exter-

na; porque a respeito das miudezas de organização interna só os competentes em cada especialidade podem emitir voto.

Desejáramos que o Governo, procedendo com ordem, tivesse primeiro pensado na reorganisação geral, externa e disposiçao local do ensino antes de entrar em certas particularidades.

Suppondo que seja bom tudo quanto propomos; qual a parte que se torna exequivel presentemente no nosso paiz.

E' uma questão de meios que só pôde ser tractada em artigos separados.

Aqui apresentamos ao illustrado collega do *Jornal do Porto*, sem o menor assombro de preconceito politico, o nosso ideal de uma verdadeira reforma da Instrução publica superior.

Aguardamos como um favor a critica authorizada do collega.

### Apontamentos historicos.

Promettemos ao *Bracarense* historiar-lhe o procedimento do snr. Visconde de Pindella para com o centro fusionista, que houve n'esta cidade; bem como os motivos que levaram este a desligar-se de s. exc.ª. Vamos cumprir a nossa promessa.

Não trariamos á tela da discussao esta historia bastante lugubre do snr. Visconde de Pindella e do seu secretario, se não entendessemos que era uma necessidade desagrararmos-nos das accusações feitas pelo *Bracarense* no seu n.º 1279.

Foi porém um acontecimento feliz, porque o publico ficará conhecendo melhor o procedimento do snr. Governador Civil e do seu secretario, e nós deixaremos de ser arguidos de faltas que não commetemos.

Quando estava ainda no poder o ministerio do snr. Conde d'Avila, formouse n'esta cid. de um Centro composto de diferentes cavalheiros, pertencentes ao grande partido progressista, com o fim de advogar as ideias da Fusão, que então estava ainda no primeiro grau do seu desenvolvimento.

Subiu o ministerio fusionista ao poder e correu logo que era nomeado governador civil d'este districto o snr. Visconde de Pindella.

O Centro, que desejava ver á testa do Districto um cavalheiro reconhecido liberal, não recebeu com agrado esta noticia; porque via no passado do snr. Visconde publicos testemunhos d'adhesão ás ideias anty-dynasticas, e porque reconhecendo que entre s. exc.ª e alguns dos mais notaveis caudillos do partido absolutista em Braga havia grandes e intimas relações d'amizade, vira n'isto um grande risco para a liberal

administração de que tanto carecia este Districto.

Verificou-se a nomeação do nrs Visconde, e o Centro resolveu apresentar-se neutral, porque não queria desde logo hostilizar a s. exc.ª e retirar-lhe a sua adhesão, sem ver primeiro o seu modo de proceder.

Foi por isso que os cavalheiros que compunham o centro, se abstiveram de ir esperar a s. exc.ª no dia da sua chegada a esta cidade, obrando assim d'um modo contrario áquelle porque procedeu o redactor principal do *Bracarense* e mais meia duzia d'amigos pertencentes ao partido regenerador, que não tinha adherido á fusão.

No dia immediato, porém, ao da chegada do snr. Visconde convidou s. ex.ª o digno presidente do centro para que este convocasse para uma reunião, na noite d'aquelle mesmo dia, todos os cavalheiros que o formavam, porque desejava apresentar-se-lhes e até muito precisava fazelo.

Reuniu-se o Centro, e appareceu ahi o snr. Visconde. Apresentou s. ex.ª o seu programma administrativo: prometteram ser fiel representante das ideias da Fusão; jurou que era liberal e que se no seu passado tinha nutrido outros sentimentos, já os tinha apagados com o andar dos tempos. Deu conta dos motivos que o tinham levado a suspender alguns administradores apenas chegara a esta cidade: prometteram que ouvira o Centro nos actos mais importantes da administração districtal, para o que tinha recebido encarregadas instruções do governo. Fez em fim os protestos mais solemnes de que proenraria por todos os modos correspondêr á elevada missão de que estava encarregado, e terminou pedindo a coadjuvação de todos os cavalheiros que formavam o centro para melhor poderem acertar nos actos de sua administração.

O digno presidente do Centro fallou então com toda a franqueza ao snr. Visconde. Disse-lhe que na verdade as primeiras impressões com a nomeação de s. ex.ª tinham sido pouco favoraveis, pela lembrança do seu passado politico; mas que, acreditando na sinceridade dos protestos de s. ex.ª, esperava ver realizado o programma liberal e progressista que apresentava, podendo n'esse caso s. ex.ª contar que encontrava nos cavalheiros presentes outros tantos amigos; assim como lhe affiançava tambem que encontraria sempre toda a coadjuvação que o Centro fosse capaz de lhe prestar.

Estabeleceram-se d'este modo as relações officias entre o snr. Visconde e o centro fusionista, relações que s. ex.ª procurou sempre entreter ao passo que se ia aproximando o dia da eleição da camara municipal.

Vendo o centro que o snr. Visconde de Pindella parecia animado de boas

ideias sobre a administração do Districto não duvidou coadjuval-o na eleição camararia.

Prestou-lhe todos os serviços que pôde, e não houve um só membro do Centro que não trabalhasse tanto quanto estava ao seu alcance, obrando sempre com a maior lealdade para com s. ex.ª e dando-lhe repetidas e exuberantes provas da sua dedicação e dos seus serviços.

O snr. Visconde de Pindella não poderá sem grande ingratidão, esquecer-se de quanto o serviram os membros do Centro, e de quanto elles trabalharam para que vingasse a lista que s. ex.ª recommendava, o que effectivamente succedeu.

Esta lealdade porém já começava a ser paga com notavel ingratidão da parte de s. ex.ª

A desconsideração para com alguns dos mais dignos membros do centro já tinha começado mesmo dias antes da eleição da camara; mas nem por isso se deixou de trabalhar com a mesma lealdade.

Estamos convencidos que o procedimento menos leal de s. ex.ª foi principalmente devido ao seu secretario, que seguro já no poder, começava a rebelar-se com aquella leveza que lhe é propria contra aquelles mesmos a quem tinha ido humildemente supplicar que intercedessem pela sua conservação no logar de secretario, na mesma noite em que o snr. Visconde se apresentou no centro. Comtudo o sr. Governador civil teve tambem notavel culpa n'essa deslealdade.

Comtudo esta peiu muito pouco s. ex.ª se houve para com a Comissão dos orfãos.

Mas como aqui começa uma nova epocha da vida politica do snr. visconde com o Centro reservamos para outro artigo a continuação d'este esboço historico.

O nosso amigo o Ill.º Sr. Dr. Antonio Lopes de Figueiredo, conego da sé primacial, distincto orador sagrado e lente de theologia moral no seminario archi-diocesano, recebeu de seus discipulos, no anno lectivo findo, uma carta de agradecimento que é para s. s.ª um documento muito honroso de que se deve afanar. Damos os nossos cordoes parabens ao snr. conego Figueiredo, e com verdadeiro prazer publicamos a carta —

Ill.º e R.º Sr. — Nós os estudantes abaixo assignados, que, durante o anno lectivo de 1865 a 1866, frequentamos a aula de Theologia Moral, de que V. S.ª é muito digno Professor no Seminario diocesano, não podendo calar os sentimentos, que dominam em nossos corações, vamos por este modo hoje manifestar-las a V. S.ª

Esses sentimentos são, sem duvida, a gra-

vera d'este coração!... Diga-me que viva sem respirar, não me diga que esqueça Rosa!...

— Pego-lh'o, e se necessario fór ordeno-lh'o!... Jámais consentirei vê-la miseravel, a imagem da mãe tenho-a sempre diante dos olhos...

— Não lhe dou minha filha! — Homem obstinado, quem lhe disse que, mesmo no seio da opulência, sua mulher teria vivido? quem lhe disse que ella não continha o germen d'uma doença mortal? Demais, o senhor não pôde comparar o seu passado ao meu futuro; os recursos d'um empregado, preso a um trabalho estúpido, e cujo magro salario não augmentará, embora trabalhe noite e dia, podem comparar-se aos d'um artista livre, corajoso, intelligente, e forte?

— Não ponho em duvida nem a sua coragem, nem o seu talento; mas quando os resultados forem apreciaveis, Rosa terá os cabellos brancos. Não lhe dou minha filha!

— E eu heide tel-a, e juro-o.

— Pego-lhe que não gracieje. Oiga, André, eu dirigi-me ao senhor cheio de sympathia. Sou seu amigo e lastimo-o. Dê-me a sua palavra d'honra, que nem buscará vér minha filha, nem fellar-lhe, nem alimentar-lhe illusões inúteis, e com estas condições...

## FOLHETIM

NAS CINZAS

ROMANCE D'EUGENE BERTOLD

TRADUÇÃO LIVRE

POR

Augusto Valladares

(CONTINUAÇÃO)

XVI

Não ha duvida, disse o pintor, que este aventureiro, tem relações com minha familia. Mas porque motivo faz mysterio d'isso?

Em verdade, este homem espanta-me, que logo! que impaciencia d'agiotagem! repare... fuge como um furacão!...

— É effectivamente proceloso! murmurou o senhor Germinal; e vagarosamente meteu o braço a Sauvain; é uma tempestade que derribou todos os nossos castellos em Espanha.

Entremos em minha casa, precisamos conversar.

André obedeceu fechando os punhos. Comprehendia bem o fim da entrevista, e fervendo já d'indignação, armava-se de triple couraça de bronze para sustentar a lucta.

Pela sua parte o senhor Germinal não estava em cama de rosas. Cahiu em cima do cadeira como se fosse inteirico, tossiu, afiou as mãos, piscou os olhos de peixe cozido, e suspirou com intervallos. A luz cahia-lhe perpendicular no craneo cõr de ferrugem, e André notou, com terror, que a caixa ossea, estreita e deprimida apresentava todos os symptomas d'uma pertinacia cega.

O velho debutou pela historia do seu encontro com Onésimo Toucard, confessou a vida que por doze annos levára, as tentações vencidas, as esperanças, os receios e as fraquezas. Quando acabou, André disse friamente:

— As mil maravilhas; o dinheiro está embolçado, a sua consciencia tranquilla, tudo perfeitamente, no melhor dos mundos. Tambem, pôde ter a certeza que mesmo cazado e em posse d'essa fortuna, restituil-a-hiamos ao seu legitimo proprietario.

— Creio, o senhor é um excellento moço. Quanto melhor o conheço mais o estimo...

Sentiria orgulho em chamar-lhe meu genro. André empalideceu, mas simulou não ter ouvido a condicional.

— Agora, senhor, disse elle sorrindo, conversemos de coisas mais importantes, e voltemos ao nosso convenio d'esta manhã.

— Qual convenio? disse o viuvo corando.

— Que o meu amigo havia de fixar hoje a epocha do meu casamento com Rosa.

Germinal ergueu-se bruscamente.

— Então o senhor não me comprehendeu?

— Perdão, eu comprehendi que lhe tinha sido confiado um deposito, e que o senhor o restituia. Que ha de commum entre uma acção tão simples e o facto tão importante e diverso d'onde dependerá o nosso futuro?

— Não ha peores surdos que os que não querem ouvir, respondeu com asperzeza o Germinal. Aquelle dinheiro garantia-me a felicidade material de minha filha.

— Não ha tal, porque o senhor sabia perfeitamente que d'um momento para outro havia de ser reclamado. Em que dia as bençãos nupcias?

— Nas calendas gregas! exclamou o Germinal irritado por esta obstinação systematica.

Como ousa pensar em associar á sua a sorte de Rosa?

Onde estão os seus meios? Hade ella viver n'este cazebre!

Nascirão os filhos e com elles os apertos, os expedientes, as dividas, os cuidados, a doença, a morte!

— Nego! respondeu André tambem furioso. Mas inda que o senhor tivesse milharres de razão, era tarde de mais para se desdizer. Se este casamento lhe não agradava, porque motivo, ha quatro mezes, veio procurar-me ao fundo do meu cazebre, como o senhor lhe chama; porque motivo animou um amor, que entregue a si-mesmo, talvez eu tivesse suffocado?

— Rosa tinha-o exigido... Rosa amava-o!

— E julga que elle deixará d'amar-me por lh'intimar a ordem o senhor?

— Ignoro-o, mas não casará com minha filha.

— Se o casamento fosse permittido só aos ricos, apagar-se-hia o sol.

— Pois que se apague! não casa com minha filha, e escusa de pensar n'ella.

— Que não pense n'ella! imagina que um sentimento como este acaba quando se quer, como a chamma d'uma alampada! Rosa é o sangue das minhas veias, a seiva da minha mocidade, o paraizo da minha alma, a prima-

tidão e reconhecimento, que somos obrigados a proter a V. S., por causa do modo affavel, com que sempre fomos tractados em todo o tempo de frequencia da supra-dicta aula; por causa da plena liberdade, que nos foi dada, para discutir com toda a precisão as respectivas questões, salva sempre a orthodoxia da Doutrina Christã; por causa da franca e muito clara exposição das ideias, que durante um anno podemos tractar; e, finalmente, por causa da sympathia, que V. S. se dignou dispensar-nos, tanto na aula como fora d'ella.

São, pois, estas causas, que nos obrigam a te-lemunhar a V. S. a mais eterna gratidão, a qual jamais será riscada de nossa memoria.

Sirva-se V. S. aceitar-lha como um agradecimento da parte de todos os discipulos, que tem a honra de se assignarem.

Deus guarde a V. S. III. e R. Sr. Doutor — Antonio Lopes de Figueiredo, muito digno Professor de Theologia Moral no Seminário de S. Pedro.

Braga 11 de Julho de 1866.

(Seguem-se as assignaturas)

REVISTA EXTRANGEIRA

Cada vez mais contraditorias e incertas se tornam as noticias do theatro da guerra. Ainda hontem tremulava o estandarte da França nas praças e cidades da Venecia; hoje ainda lá temos os austriacos, e os italianos vão occupando Viçencia e Padua. O que nos dirão amanhã?

As esperanças do armesticio vão-se dissipando á vista da attitude cada vez mais bellica da Prussia e da Italia. A má vontade da Prussia conhece-se pela condição imposta á Austria para a acclimação do armesticio.

Annexação dos ducados. Ractificação das fronteiras.

Commando em chefe do exercito allemão.

Indemnisação das despesas da guerra em dinheiro, ou em lugar disso, annexação da Silesia austriaca.

Finalmente, restabelecimento da constituição da Hungria de 1848.

Poderá a Austria aceitar taes condições, sem quebra da propria dignidade? Não.

O imperador Francisco José já o declarou: morrerá no campo da batalha; mas salvará a sua dignidade e a da nação.

A Italia parece que não quer aceitar o Veneto como presente de Luiz Napoleão; e, nesse ponto, tem razão. A Italia hoje symbolisa a liberdade; e a liberdade não aceita presentes, porque é irmã da justiça.

O rei da Prussia já entrou em Brunn; e o seu exercito derrotou os federaes proximo a Aschaffenburg.

Os federaes evacuraram Francfort.

A Europa entao hoje um requiem ao tratado de 1815; mas quem será que, sobre a campa, lhe lavrará o epitapho?

Será a França, que lhe rasgou a primeira pagina?

Será a Prussia, que o matou?

Ou será a Russia, que o respeitou?

O melhor era que a França e a Russia de parceria com a Inglaterra, pugnando pela paz geral, substituíssem o defuncto tratado por outro accomodado ás necessidades actuaes.

Do theatro da guerra

OS GARIBALDINOS

Extraimos da Liberté o seguinte:

— Nunca!

— Então, acabou-se tudo entre nós.

— É a sua resolução definitiva?

— É.

— Está bem. Felizmente ha leis em França; não se força ninguém. Rosa e eu esperaremos...

— A minha morte?

— Não, senhor; a maioridade de Rosa.

— Seja, disse o Germinal. D'aqui até lá, ha de dar licença que lhe feche a porta de minha casa, e hade ter a bondade de renunciar á conversação de minha filha.

— Heide vel-a, heide fallar-lhe, heide amala, heide casar com ella ou o senhor queira ou não queira.

— Darci providencias para lhe poupar essas loucuras.

E o Germinal fazendo um gesto ameaçador, sahio da officina.

Mal sahio, André correu atraz d'elle. Estava arrependido da sua arrogancia. Queria deitar-se aos pés do pae de Rosa, e comovel-o á força de supplicas; mas quando já o tinha quasi alcançado, as ubas fluctuantes do casaco enfiado abriam-se como duas azas, e o senhor Germinal enterrou-se em casa com grande estrondo de chaves e ferrolhos.

André voltou desanimado; ao obitamento

«O primeiro combate de importancia entre os corpos voluntarios e os austriacos deu-se em Edolo, aldeia situada na parte superior da Vallhamonica, na estrada que conduz á passagem do monte Tonale. Este monte, com o Boffaro, ao sul e o Stelvio, ao norte, são as unicas passagens praticaveis para tropas que intentem transpôr os Alpes para invadir o Tyrol

Chegados a Edolo, os garibaldinos mandaram avançadas para o lado esquerdo do Oglio, Avena e Pezza, occupando esta ultima com uma campanha do 1.º batalhão do 4.º regimento. Já na noite de 3, os austriacos tinham posto em alarme os voluntarios, os maiores Castellini de caçadores 2 Baldesi do regimento 4 mandaram resistir fora do paiz, para poder concentrar-se neste mais facilmente.

Por um engano fatal, o portador desta ordem aconselhou a retirada no caso de ataque, de modo que, quando o tenente Malacriada, que commandava a companhia, deu pelo erro, já os austriacos tinham occupado a aldeia de Vezza, onde tinha ordem de entrar. Na manhã de 4, ás 3 horas e meia, o batalhão de caçadores teve de sustentar um fogo infernal, ao qual respondia com tanto ardor que em vez de se ter na defensiva, desceu á planície, com o major Castellini á frente, para desalojar os austriacos.

Ao mesmo tempo duas companhias do batalhão de Baldesi carregam á bayoneta, mas o accidentado do terreno e as fortificações austriacas annullam o ataque. Só então se reconheceu que tinhamos na frente 4:000 homens apoiados com 4 peças de artilharia, ao passo que todas as nossas forças não chegavam a 800.

Os voluntarios retiraram em boa ordem; os austriacos não osusaram perseguil-as alem da Lucudina, e os garibaldinos recolheram a Badojolo, onde o regimento do coronel Cadalmi, de Breno, assignava as nossas communições, mandando occupar o monte de Brace Demini. As nossas perdas foram de 60 homens fora de combate, mas a morte do major Castellini falas bem maiores para quem o conhecia.

Emquanto isto passava ao sul de Vezza, Garibaldi querendo retomar Bagalino e Canaro, acou-se em frente de 8 batalhões de caçadores, (conde Khun) 5 companhias de atiradores de Postertal, 2 esquadras de lanceiros e 2 baterias. Começou o combate ás 2 da tarde, commandando o ataque o proprio Garibaldi contra as posições de Monte Suelto, que dista poucos kilometros de Bagalino.

As forças embregadas pelos austriacos, mais do dobro dos voluntarios, e a chuva que molhou as guarnições destes, privados de patronas, obrigaram Garibaldi a retirar, recebendo então um ferimento em uma perna, que dizem ser pouco grave.

Cidade em Padua

Ao passo que os voluntarios procuram forçar as passagens do Tyrol, as tropas regulares occupam a Venecia oriental deixando o quadrilatero á esquerda. Padua dista de Veneza pouco mais de 30 kilometros.

A passagem do Pó fez-se em Ostiglia ao sueste de Mantua, na direcção de

succedeo o furor ao furor, o desespero; depois os projectos extremos, as resoluções insensatas, vagos desejos de largar fogo á casa, precipitar-se no meio das chammas, pegar em Rosa nos braços e fugir com ella não importa para onde.

No entretanto o pintor roia as unhas, e tripudiava como um tigre na jaula. Pelo fim da tarde, não podendo conter-se, subiu quatro a quatro a escada do que recuava ser seu segredo. Tocou timidamente primeiro, depois com força. Silencio profundo. Tornou a bater, chamou, disse o seu nome, supplicou, bateu com estrondo, e fez retumbar as paredes com as suas imprecações. Ninguém appareceu, á excepção d'um visinho desagradavel que resmungou vagamente as palavras de commissario de policia.

Em seguida André voltou para a officina, atirou-se para cima d'um divan, e abi ficou em contorsões invocando o nome de Rosa. Com muitas horas d'este exercicio um colosso ficaria prostrado de cansaço.

Era noite. O pintor adormeceu d'um somno fúril, povoado de sonhos extravagantes e interrompido de dez em dez minutos, vinte vezes despertou sobresaltado indo ver se o dia ainda não rompia. De madrugada pareceu-lhe ouvir ao longe a voz da noiva, voz plangente e lacerante, que o chama va

Legnago. O exercito do rei auxillou tambem esta operação.

Extrahimos do Diario Mercantil.

Actualidades geographicas

O VENETO E OMANTUANO

As provincias italianas, que o imperador de Austria cedeu ao imperador Napoleão III, formam duas partes distinctas—o Veneto e o Mantuano. O Veneto é um governo militar, composto de oito delegações; a sua superficie é de 23,000 kilometros quadrados; a sua população é de 2,830,000 habitantes, que occupam 27 cidades, 22 aldeias, e 6,491 povoações. As delegações são: as de Verona (300,000 almas, de Rovigo ou Polessina (140,000, de veneza (250,000) de padua (300,000), de vicencia (300,000), de Treviso (250,000), de Belluno (130,000) e de Udina ou do Frioul (300,000).

Sabem-se todos os sacrificios que a Austria tem feito desde 1815 para conservar este paiz e para o collocar ao abrigo das tentativas de seus inimigos interiores e exteriores. O governo de Vienna creou sobre o territorio do Veneto fortidaxeis praças fortes e augmentou as defensas das que já existiam.

Na delegação de Verona esta hoje a cidade do mesmo nome, praça de primeira ordem, sobre as duas margens do Adige (50 000 almas. Pela sua situação no desfiladouro do Tyrol-praximo da bella posição de Caldeiro. Verona seria já uma praça consideravel, se a sua importancia não augmentasse com as suas fortidaxeis defensas.

Sobre a margem do Adige ha um systema bastionado regular, com obras avançadas e exteriores; sobre a margem esquerda são tres fortes que, dominando a cidade, a collocam sob uma constante amiaça. Desde 1796 até hoje, comprehendendo-se o dia 24 de junho de 1866, é em Verona que tem tido lugar os mais importantes feitos d'armas na Peninsula.

Não longe de Verona, e igualmente sobre as duas margens do Adige, está Legnago (10,000 almas da qual as fortidaxeis foram augmentadas consideravelmente desde os tratados de 1815. Forma um dos angulos do quadrilatero. Os outros são Mantua, Peschiera e Verona.

Nas delegações de Rovigo, Padua, Vicencia, Treviso e Belluno, não ha propriamente a fallar de cidades fortes, mas de cidades rodeadas de fortes muralhas, tendo algumas bastiões mais sustentados e algumas torres. São postos de campanha susceptiveis de uma defensa momentanea, mas que não constituem praças de guerra.

Assim, nestas delegações está Rovigo, sobre o Adige (10,000 almas com uma velha muralha ao redor e um castello; Padua sobre o Bacchiglione (50,000 almas) rodeado de muralhas e fossos, Vicenci sobre a mesma margem (32,000 almas) com um castello, muralha e fossos, Treviso, e Udina, igualmente cercadas de muralhas.

Nesta mesma delegação do Frioul, construiu-se a forte cidadella d'Osopo, que figurou nas guerras de 1813 e de 1814, sustentadas pelo principe Eugenio contra a Austria; e a pequena praça de Palma, na estrada de Gratz a Godroipo.

A delegação de veneza, a mais importante depois da de Verona, tem por capital Veneza, que, apesar de cahida do seu esplendor passado, é ainda uma das mais bellas cidades do mundo e das mais curiosas pela sua situação no meio de lagos.

Tem 103,000 habitantes, e posto que se não possa dizer que é uma praça forte em toda a accepção da palavra, no sentido de não ser rodeada de muralha bastionada, nem d'um systema de fortificação regular, no entanto é quasi inexpugnavel, por isso que é inacessivel do lado das lagos, e todas as suas saídas sobre o campo são guardadas por cidadellas e fortes muito bem armados; por communicar alem d'isso com as obras avançadas por longos e estreitos caminhos; e porque o seu arsenal e seu porto, graças ao systema de defenza adoptado, a collocam na altura das fortalezas mais dificeis de atacar.

Veneza foi tomada em maio de 1797 pelos exercitos francezes, que aboliram o poder dos doges.

Em 1814, depois de um longo bloqueio, foi entregue aos austriacos, em virtude dos trata-

chando. Correu á porta, e com os cabellos hirtos, olheu.

Hia nascer o dia, um clarão cinzento penetrava a custo a atmosphera, a chuva cahia abundante e vertical mullhando pelo pavimento pedregoso do pateo e pelos jardins agitados, que soltavam borraças abafadigas. Mas a casa estava tranquilla, e as janellas de Rosa hermeticamente fechadas não deixavam filtrar a menor luz.

Acalmado pelo frio da manhã, André tornou a deitar-se sem se despir, monologando que não podia deixar d'acontecer que n'um momento dado Rosa viesse tomar um pouco de ar, que elle então, mesmo nas barbas do pae, havia d'aproveitar esse momento, e que era tão em atormentar-se tanto. Com esta persuasão adormeceu com tão boas disposições, que a senhora Possignol quando operou a sua entrada habitual, apenas lhe perturbou um pouco o repouso.

— Ora esta!

Tal foi a exclamação sonora que estalou aos ouvidos de Sanyain. Abriu os olhos e contemplou a patria, de pé em frente d'elle, de bigodes retorcidos, mãos nos quadris, e posta em cima das chinelas d'ourello como um ganso em cima das patas palmadas.

— Então não lhe tinha eu dito?

— O que?

dos. Desde essa epoca tem-se revoltado por varias vezes contra os austriacos, e depois de ter expulsado o exercito de Radetsky sustentou sob o presidente Manin um assedio terrivel! Foi n'este assedio, e na defeza de Malghera, que o coronel, hoje general da divisão italiana Cozens, illustrou o seu nome pela sua energica resistencia.

Quanto ao territorio do Mantuano, distincto de Veneto, e que não fôra cedido pelo tratado de Zurich, formava a nona delegação e como tal era comprehendido no governo da antiga Lombardia austriaca. Esta delegação, que tem 260,000 habitantes é a mais importante de todas no ponto de vista militar. Com effeito nas duas extremidades da linha que forma o limite da fronteira que separa o novo reino da Italia do imperio austriaco, estão as duas praças de Peschiera ao norte e de Mantua ao sul, muy conhecidas uma e outra, para que seja preciso fazer a sua descripção.

Diremos somente que Mantua, uma das mais fortes praças não só de Italia, mas da Europa, é habitada por 30,000 almas; que tem estabelecimentos militares magnificos, e que a sua principal defenza consiste nos lagos que a contornam ao norte e a este e nos paves que existem ao sul e a oeste. Não se pode penetrar n'ella senão por caminhos ou diques muy longos e estreitos protegidos pelas obras exteriores.

Esta praça deteve por muito tempo os exercitos triumphantes do general Bonaparte em 1796 e em 1797; só capitulou a 21 de fevereiro de 1797 depois de ter sido cercada ou bloqueada desde o dia 4 de junho de 1796.

O Veneto e o Mantua cedidos ao imperador Napoleão III, são pois magnificos e ricos paizes, encerrando bellas praças fortes, cidades populosas e mais de 3 milhões de habitantes.

Proclamação de Kossuth

O Jornal de Lisboa, publica a seguinte proclamação, que dá dirigida por Luiz Kossuth aos soldados hungaros:

«Bravos magyares!

Sob a protecção do valoroso e honrado rei dos italianos, em nome de Deus e da patria, arvoramos novamente o estandarte da liberdade hungara.

Correi, bravos! O lugar do magyar é aqui! E o austriaco o vosso inimigo, e não o italiano. Os filhos da nossa patria não houveram nunca do austriaco senão prisões, vergonha e miseria. O italiano deu asylo ao emigrado hungaro, recebeu o hospitaleiro, soccorreu-o e estima-o.

Cahiria sobre o magyar a justiça de Deus, se elle em recompensa, combatesse pela Austria contra a liberdade italiana.

O italiano tem direito á posse de Veneza.... Veneza pertence-lhe!... É sua filha!

A Italia pertence aos italianos. A Hungria aos hungaros. Fora pois, da Italia o austriaco! Fora da Hungria! É a lei da natureza; é justiça.

Não deveis obediençia á Austria, e a Austria, por meio do recrutamento forçado, e em opposição á lei, arrasta-vos á guerra.

Não lhe deveis fidelidade. Por decisão da livre nação hungara, e em virtude de uma lei especial, foi essa raça perjura, em 1849, excluida para sempre do throno real da Hungria, e decretado que todo o hungaro que, de futuro, permanecesse sob a bandeira austriaca, incorreria no crime de traição á patria.

Não foi abolida esta lei. Assim, pois, deveis á patria a vossa fidelidade, o vosso braço, o vosso juramento.

Desertor é aquelle que permanece sob a bandeira austriaca, porque deserta da causa sagrada da patria e torna-se assassino da sua terra natal, que geme sob o juro da Austria, despojada, esmagada por impostos continuos, e arrojada á beira da miseria extrema.

D'um ou de outro lado tendes de combater; combatei, pois, pela vossa patria e não pelo oppressor.

Se vos agrupardes em torno da bandeira nacional, custar-vos-ha a guerra pouco sangue; e, pelo contrario, se permanecderdes sob a bandeira do oppressor do vosso paiz, derramareis o vosso sangue a jorros, porque a luta prolongar-se-ha exactamente em razão do vosso valor...

— Que fazia mal em ter relações com aquella gente!

— Que gente?

— A familia germinal.

— Faça favor de fallar dos meus visinhos em termos mais respeitosos.

— Eu respeito-os... mas isso não impede que volte á minha primeira opinião, e veni a ser que este homem é um antigo criminoso...

— Outra vez essa tolice!

— Tolice?... a prova é que elle fugiu e a policia vai-lhe na pista...

— A policia? você está tola!

— Ah! ou sou tola!... Pois sim! quando o senhor souber o que aconteceu...

— Que foi? falle, explique-se, disse André com impaciençia.

— Ora olhe, esta manhã, ás quatro horas, ainda nem era dia, e batem-me na vidraça do quarto: — Quem é? digo eu. — Sou eu, o Germinal, diz elle. Que me diz o senhor a esta? Um homem que ha doze annos não deitava o nariz de fora, e que de repente vae dar um passeio ao romper do dia. Vae eu levantando-me, acendo a luz, e que vejo? o senhor Germinal com um sacco de baixo do braço, e a filha pelo outro, a chorar...

— Então não lhe tinha eu dito? — Que quer o senhor? digo eu. Vae elle, despede-

Sahi, pois, d'essas fileiras detestadas. Correi para aqui, ó bravos! Ah!, cobri-vos-ha de maldição a propria victoria; aqui, até na morte gloriosa vos espera a benção da nação.

O esrandarte sagrado da patria flutua aqui, e espera-vos. Correi!

Aqui, Garibaldi, cujo braço libertador está commosco, chama-vos pela minha voz, para abrir um caminho para a patria, onde a nação inteira se insurge, e despedaça seus grilhões.

E impossivel que a despeito do uniforme austriaco, que vos foi dado como sello da escravidão, não sintaes no peito o coração do magyar.

Na mão do magyar, até a bayoneta e a espada devem pensar.

Vinde, pois, ó bravos! Onde flutue a bandeira tricolor é onde está a gloria e a justiça; é ahí o vosso lugar.

Chamo-vos eu, a quem a nação já uma vez elegeu capitão para adquirir a sua independencia.

Chamo-vos em nome de Deus e da nação! E, invocando o sagrado nome da patria, mando e ordeno que corraes, para que d'aqui possaes ir libertal-a.

Viva o rei da Italia! Viva a alliança italo-hungara! Viva a patria!

Dada no quartel general do rei de Italia, em 21 de junho de 1866.

LUIZ KOSSUTH.

SCIENCIAS

LA PENNA DE MUERTE

por José Sepulveda:

DEDICADA A LOS LIBERALES DE BRAGA.

(Conclusión)

No me cansaré de repetir, que la pena de muerte no és útil ni conveniente, por el ejemplo que dá á los hombres, de atrocidad, de crueldad, de terror, aunque este no sea mas que momentaneo. La pena de muerte, es un borron, que mancha á toda la humanidad, sin producto ninguno, sin que deje tras si, mas que huellas de atraso, de verguenza e de ignominia.

Si las pasiones ó la necesidad de la guerra han enseñado á derramar la sangre humana, las leyes, moderadoras de la conducta de los mismos hombres, no debieran aumentar este fiero documento, tanto mas funesto, quanto la muerte legal se dá con estudio y pausa da formalidad. Parece un absurdo, que las leyes, esto es, la expresion de la voluntad publica, que detestan y castigan el homicidio, lo cometan ellas mismas; y para separar les ciudadanos, del intento de asesinar, ordenen un publico asesinato. ¿Quales son las verdaderas y mas utiles leyes? — Aquellos pactos y aquellas condiciones, que todos querrian observar y proponer, mientras calla la voz (siempre escuchada) del interes privado, ó se combina con la del publico.

¿Cuales son los dictámenes de cada particular sobre la pena de muerte? Leámoslos en los actos de indignacion y desprecio, con que miran al verdugo, que en realidad no es mas que un inocente ejecutor de la voluntad publica, un buen ciudadano, que cree que contribuye al bien de todos siendo instrumento necesario á la seguridad publica interior, como para la exterior son los valerosos soldados. ¿Cual, pues, es el origen de esta contradiccion? ¿Y porqué es indelebre en los hombres esta maxima, en desprecio de la razon? — Porque

me, paga-me um ordenado adiantado, metem dez francos na mão do primeiro diuheiro d'elle a que vi a côr, Deus me perdoe!) diz-me que vae viajar, que não sabe quando voltará, e que não me dêem cuidado os moços, porque hade vir por elles muito breve. Vae depois, a menina Rosa, a chorar, a chorar sempre, queria dizer-me uma palavra ao ouvido mas o pae puchou por ella... Abri a porta... e boas noites.

André parecia uma estatua. — Ausente!... ausente!... Rosa ausente!... é impossivel. — A prova é que está aqui a chave. O pintor arrancou a chave á senhora Possignol emboscada. Dez segundos depois penetrava em casa do visinho.

O quarto estava arrumado como de costume; a cama não tinha sido desfeita. André pallido e gelado, empurrou uma porta, a do quarto de Rosa. Entrou com passo de phantasma; e, quando percorreu com o olhar este fragante refiro abandonado, quando respirou o doce perfume de violeta que lhe fallava da ausente, encostou-se á parede, curvou a cabeça e desmaiou.

(Continúa)

en lo mas secreto de sus animos, parte que, sobre toda otra, conserva aún la forma original de la antigua naturaleza, han creído siempre, que nadie tiene potestad sobre la vida propia, á escepcion de la necesidad, que con su cetro de hierro rige el universo.

Que deben pensar los hombres al ver los sabios Magistrados y graves sacerdotes de la justicia, que con indiferente tranquilidad hacen arrastrar á un río á la muerte con lento aparato; y mientras este miserable se estremece en las últimas angustias, esperando el golpe fatal, pasa el juez de su sentencia, con insensible frialdad (y acaso con secreta complacencia de la autoridad propia) á gustar las comodidades y placeres de la vida? ¡Ah! (dirán ellos), estas leyes no son mas que pretestos de la fuerza; y las premeditadas y crueles formalidades de la justicia, son solo un lenguaje de conveniencia para sacrificar-nos con mayor seguridad, como victimas destinadas en holocausto al idolo insaciable del despotismo. El asesinato que nos predicán y pintan como una maldad terrible; lo vemos prevenido e ejecutado aun sin repugnancia y sin furor. Prevaleganos del ejemplo. Nos parecia la muerte violenta una escena terrible en las descripciones que de ella nos habian echo; pero ya vemos ser negocio de un instante. ¡Cuanto menos terrible será en quien, no esperandola, se ahorra casi toda aquello que tiene de doloroso!! Tales son los funestos paralogismos, que, si no con claridad, á lo menos confusamente, hacen los hombres dispuestos a cometer los delitos, en quienes, como hemos visto, el abuso de la Religion puede mas que la Religion misma. Si se me opusiese como ejemplo el que han dado casi todas las naciones, y casi todos los siglos, decretando la pena de muerte sobre algunos delitos, responderé, que este se desvaneca á vista de la verdad, contra la qual no valen prescripciones; que la historia de los hombres nos dá idea de un inmenso piélago de errores, entre los cuales á guisa pocas verdades, aunque muy distantes entre si, no se han sumergido. Los sacrificios humanos fueron comunes á casi todas las naciones; pensar otra cosa, es un delito de lesa razon. ¿Y quien será tan menguado y atrevido, que se atreva á excusarlos? Que algunas pocas sociedades se hayan abstenido solamente, por algun tiempo, de imponer la ultima pena, me es mas bien favorable que contrario; porque es conforme á la fortuna de las grandes verdades, cuya duracion no es mas que un efimero relampago, en comparacion de la larga y tenebrosa noche que rodea los hombres.

Es verdad, por desgracia de la cultura y civilizacion de los pueblos, que aun no ha llegado la época por tantos titulos dichosa, en que la verdad sea verdad de igual valor para todos, y que hoy y amos del error que hoy tiene ciegos á la mayor parte de los vivientes: es verdad por desgracia, que todavía no han caido de todos, esos cendales que cubren la vista, y impiden ver claro el verdadero sendero de la civilizacion de los pueblos; es verdad que todavía no ha salido de la mano misteriosa, que ha de arrancar la mascara á los hipócritas que, con sus mentidas apariencias, engañan al pobre incauto pueblo, destinado hasta hoy á sufrir, á trabajar, á pagar, y á no gozar. Día llegará (y tal vez no está muy lejos) en que el pueblo aleeccionado por la practica de la esperiencia, pida cuenta de los derechos que Dios le dio al colocarlo en el globo terraqueo! Ah! Ahí de vosotros en ese supremo dia, tiranos y opresores de la tierra; ahí! de vosotros, repito, cuando os pida cuenta de sus derechos preciosos. ¿Decidme, que les contestareis?—El silencio, el silencio; porque un fuerte candado de hierro sellará vuestros labios; porque un volcan abrasador secará y ahogará vuestras palabras en el pecho; y sabéis que volcan es ese, pues es el volcan de la conciencia. Yo, yo veo, vislumbro ese dia, el dia de la ley, de esa ley universal, que solo ha de separar á los justos y ha de pedir cuenta á los tiranos.

La voz de un filosofo es muy floca contra los tumultos y griteria de tantos, á quien hasta hoy guía la ciega costumbre; pero los pocos sabios que hay esparcidos en los angulos de la tierra, me la recibirán y oirán y guardarán en lo intimo de su corazon; si, la guardarán, oigo una voz secreta que me dice: la verdad prevalecerá, apesar de todos los hipócritas y embusteros. Si prevalecerá, no lo de este mundo, llegará á los oidos del Señor, la verdad, Monarca, pese á quien pesador del narca y del legislador, para á Moisés, á coged la verdad, mirad que va acobardada del asentimiento de todos los hombres que piensan: acogealla, y vereis como calla la fama sanguinaria de los conquistadores; acogedla, y vereis como la posteridad justa, nos señalará el primer lugar entre los pacíficos trofeos de los Titos, de los Antonios y de los Trajanos.

Feliz la humanidad, si por la primera vez se la dictasen leyes, ahora que vemos colocados sobre algunos trofeos de Europa beneficos monarcas, padres verdaderos de sus pueblos, animadores de las virtudes pacificas, de las ciencias y de las Artes. Ciudadanos coronados, cuyo aumento de autoridad, forma la felicidad de los subditos; por que deshace aquel despotismo intermedio, mas cruel por menos seguro, con que se echan los reinos á guisa de cerros del pueblo, y siempre dichosos, cuando pueden llegar á ser oidos, del que debe ser padre de su pueblo, y por consiguiente protector en todo y por todo. Pues bien: á vosotros los encargados de velar por la humanidad; á vosotros que Dios os á colocado en la tierra para que seais un destello de la Justicia infinita, á vosotros, pues, os toca apocrosimarnos á vuestro Creador, salvando la vida á vuestros semejantes. Prohibid en absoluto la pena de muerte, y vereis como los Ciudadanos iluminados, desean con mayor ansia el continuo acrecentamiento de vuestra autoridad; y la humanidad entera, os admirará, os aplaudirá y os bendecirá. Viana 13 de Julio de 1866. En su destierro, Jose Sepulveda.

hipócritas y embusteros. Si prevalecerá, no lo de este mundo, llegará á los oidos del Señor, la verdad, Monarca, pese á quien pesador del narca y del legislador, para á Moisés, á coged la verdad, mirad que va acobardada del asentimiento de todos los hombres que piensan: acogealla, y vereis como calla la fama sanguinaria de los conquistadores; acogedla, y vereis como la posteridad justa, nos señalará el primer lugar entre los pacíficos trofeos de los Titos, de los Antonios y de los Trajanos.

Feliz la humanidad, si por la primera vez se la dictasen leyes, ahora que vemos colocados sobre algunos trofeos de Europa beneficos monarcas, padres verdaderos de sus pueblos, animadores de las virtudes pacificas, de las ciencias y de las Artes. Ciudadanos coronados, cuyo aumento de autoridad, forma la felicidad de los subditos; por que deshace aquel despotismo intermedio, mas cruel por menos seguro, con que se echan los reinos á guisa de cerros del pueblo, y siempre dichosos, cuando pueden llegar á ser oidos, del que debe ser padre de su pueblo, y por consiguiente protector en todo y por todo. Pues bien: á vosotros los encargados de velar por la humanidad; á vosotros que Dios os á colocado en la tierra para que seais un destello de la Justicia infinita, á vosotros, pues, os toca apocrosimarnos á vuestro Creador, salvando la vida á vuestros semejantes. Prohibid en absoluto la pena de muerte, y vereis como los Ciudadanos iluminados, desean con mayor ansia el continuo acrecentamiento de vuestra autoridad; y la humanidad entera, os admirará, os aplaudirá y os bendecirá. Viana 13 de Julio de 1866. En su destierro, Jose Sepulveda.

Prohibid en absoluto la pena de muerte, y vereis como los Ciudadanos iluminados, desean con mayor ansia el continuo acrecentamiento de vuestra autoridad; y la humanidad entera, os admirará, os aplaudirá y os bendecirá. Viana 13 de Julio de 1866. En su destierro, Jose Sepulveda.

NOTICIARIO

A esportezza a voar!!... O Bracarense que se julga esportez, com inveja de havermos attribuido azas á estupidéz, quiz mostrar que tambem as tinha e voou... mas como yóam os galinhos e os patos nos terreiros, isto é, sem equilibrio e cabindo de bico. Se o desejam mais claro leiam a sua local do n.º 1281 em que censura como impropria a nossa expressão, vóos do estupidéz. Para isto cita alguns documentos cazeiros á cerca de grandes orelhas, do peso de chumbo etc, que na opinião d'elle são os distinctivos unicos da estupidéz. Sem pôr em duvida a consciencia com que o localista falla no assumpto, citar-lhe-hemos em contrario o exemplo do Pégaso, do Hypogripho das bestas do Apocalypse e outras bem conhecidas... as quaes todas tem azas e vóam...

Mas, coitado! talvez não saiba; porque anda ha tempos fora de si com os pirraças que lhe temos feito. Vá ainda mais esta, que não é mal empregada por causa do atrevimento.

Festividade. — Hoje festeja-se na igreja do Carmo a Senhora do mesmo nome com aquelle esplendor e grandezza que é de costume.

Outra. — Festeja-se na quarta feira proxima a imagem de S. Thiago collocada na rua da Conega; os devotos encarregados de promover os festejos não se tem pompado a trabalhos para que esta função seja feita com o digno esplendor, e merecerem o elogio do publico. Na vespera haverá grande iluminação e fogo do ar; a musica dos Artistas d'esta cidade entreterá o publico por essa occasião.

No dia haverá missa cantada na capella da mesma rua, e de tarde arrematação de prendas e segredinhos; e a mesma musica fará ouvir harmoniosas peças. Esperamos concorrência.

Outra. — Hade ter lugar na mesma quarta feira dia 25. a afamada romaria do S. Thiago da cruz; o tempo está bom e convidado a um passeio.

Porque será — Ha mezes que está vaga a igreja de S. Victor e ainda não veio a concurso; tendo já vindo a de S. Thiago Dantas vaga á menos tempo; qual será o motivo porque não vem a de S. Victor? Haverá algum misterio!!

Thesourceiro da Camara. — Foi nomeado para este lugar o sr. José Antonio Oliveira Gonçalves em consequencia de se achar vago aquelle lugar pela desistencia do sr. Francisco Antonio Vieira Velloso, que o estava exercendo. Damos parabens ao agraciado, e á illustrissima camara desta cidade pela acertada escolha.

A Gazeta do Minho. — Ao artigo de fundo do n.º 4 d'este nosso amavel collega de Guimarães, responderemos quinta-feira. Nem sempre ha tempo para tudo.

Escandalo. — Com esta epigraphe já ha muito tempo pedimos as autoridades a repressão dos factos praticados por um ele-

rito morador na rua das Aguas d'esta cidade, que anda mancomunado com uma feiteira a fim de explorarem os tórrpas. Hoje com prazer vimos o nosso pedido apoiado pelo Bracarense. Por consequencia agora merecemos ser attendidos.

Rendimento da Alfandega. — A do Porto rendeu 4:830\$560 rs. na quinta-feira passada.

Revista. — Ante-hontem o regimento de infantaria 8 teve revista em ordem de march.

Fusão. — Fundiram se as empresas de dois jornaes de Lisboa. As Noticias e o Noticiario portuguez para publicarem juntamente um novo jornal no mesmo genero dos outros dois, mas em muito maior formato, intitulado Diario popular. Sahiram já alguns numeros.

Folheto. — Agradecemos a remessa do folheto intitulado Curso do redactor principal do jornal os Debates Antonio Joaquim de Figueiredo Guimarães, na reunião publica convocada por elle, para o Saldo do Cassino Lisbonense, na noite de 24 de maio de 1866.

Tolerancia Ministerial. — Na correspondencia do dia 18 para o Jornal do Porto diz o seu illustrado correspondente o seguinte.

«De quando em quando, no meio d'este marasmo para tudo quanto é necessario e util na administração publica em que estamos, vem um facto pequeno ou grande, mas sempre mais ou menos escandaloso, despertar attenção adomecida do publico, e lembrar-lhe que está em Portugal e que é governado pelo sr. Fontes

Vejamos o novo rebate. Um d'estes dias publicou o Diario de Lisboa um officio do sr. ministro da fazenda exonerando do logar de chefe fiscal do districto d'alfandega de Penamacor o sr. Antonio Nunes da Silva Feveteiro

Esta exoneração, dizia o officio, tinha tres fundamentos: 1.º estar o sr. Feveteiro continuamente distante de Penamacor; 2.º haver instado sempre para que lhe fosse permitido residir em Castello Branco, onde tem casa; 3.º por ter sollicitado ultimamente licença sem vencimento.

Ora no Portugal d' hoje vem publicada uma correspondencia do sr. Antonio Nunes da Silva Feveteiro, em que este cavaleiro, que é empregado ha 15 annos e tem feito sempre bom serviço, sem jamais merecer a menor censura dos seus superiores,— declara: 1.º que é falso ter continuamente estado ausente da alfandega de Penamacor, e que tanto n'esta casa fiscal como nas suas respectivas delegações ha documentos officiaes e autenticos que provam o contrario do que n'este primeiro fundamento assera o officio;

2.º que nunca pediu ao ministros que se lhe permitisse residir em Castello Branco, e se assim não é, que publique s. ex.º qualquer requisição que n'esse sentido lhe fizesse, 3.º que se pediu licença sem vencimento, juntou ao requerimento attestado de facultativo que declarava que o requerente não podia passar sem aguas minerais, nem banhos do mar.

Depois d'estas declarações faz o sr. Feveteiro alguns raciocinios que o essencial peja e que o seu justo resentimento legitima.

Na verdade, se estas declarações são verdadeiras, como se não pode duvidar, não ha nada mais estranho mais fora do regular e da decencia, do que fundamentar em falsidades d'estas um documento official.

Todos sabem que o sr. Feveteiro, demittido do cargo de director da alfandega de Penamacor, é irmão do sr. Agostinho da Silva Feveteiro, deputado da opposição e que constante gnerroco o sr. Fontes na passada legislatura; attribue a correspondencia a este motivo a demissão; e na verdade sendo falsos os fundamentos do officio, não podia ser outra a razão d'ella.

No districto de Castello Branco é onde o governo se tem mostrado mais intolerante, mais faccioso, mais vingativo. Em todo aquelle districto são hoje raros os empregados que restam nomeados pelo partido historico, quasi todos tem sido demittidos pelo actual gabinete.

Agora chegon a vez ao sr. Feveteiro, inventaram-se razões para admissão e fez-se.

Ora é triste ver escandalos semelhantes. Por mim contento-me com registrar o facto e deixo aos leitores os commentarios, que são facéis e de mera intuição.

Á vista deste procedimento do sr. Fontes não devemos admirarnos do que tem succedido e vai continuando a succeder no nosso Districto.

Alem d'alguns factos já praticados e que provam a tol'ancia e liberalismo do sr. Governador civil e do seu secretario, pei communicado do sr. Joaquim Baptista Vieira ex-capellão de Nossa Senhora do Porto d'Ave, que se lê em outro logar d'esta folha, tivemos noticia d'outro facto, a respeito do qual fallaremos brevemente.

O príncipe de Reus.—O príncipe de Reus que representou a Prussia na ultima reunião diplomatica, verificada nas Tuilleries, de que o telegrapho nos deu noticia, devia partir na tarde do dia 11 do corrente, ou no dia 12, para Berlim, sendo portador para o rei da Prussia das proposições da França, e fazer-lhe conhecer as objecções d'esta potencia contra os pontos principaes do programma prussiano, que foram reconhecidos inadmissiveis.

Estes pontos são: A exclusão da Austria da confederação germanica; o commando militar e a direcção dos negocios exteriores da confederação entre-

ques exclusivamente á Prussia; a extensão das fronteiras desta nação até ao Mein.

(O Nacional) Rendimento das alfandegas. De um moppo, que publica a folha official á cerca da receita cobrada nas alfandegas de Lisboa e Porto, nos mezes de julho a junho de 1864-1865, extraimos os seguintes dados estatisticos: Nos 12 mezes decorridos de julho a junho do anno referido, rendeu a alfandega grande de Lisboa 4.395.881\$525 reis. A do Porto rendeu no mesmo periodo de tempo 2.545.212\$265 reis. A municipal de Lisboa rendeu 1.109.621\$265reis.

Em igual periodo do anno economico de 1865-1866 rendeu a primeira das mencionadas alfandegas 4.368.360\$015reis. A alfandega do Porto rendeu 2.294.225\$038 reis.

E finalmente a municipal de Lisboa rendeu reis 1.218.612\$249.

A receita orçada para o anno economico de 1864-1865, era de 3.183.402\$504 reis, havendo portanto uma differença de rendimento a mais, de 1.212.179\$021 reis.

Para a alfandega do Porto estava a receita em 2.891.879\$852 reis; e houve portanto uma differença para menos de 346.667\$687 reis.

Para a municipal de Lisboa estava orçada a receita em 1.150.774\$140 reis; e houve por isso uma differença a menos de 41.152\$192 reis. (J. do Porto.)

CORRESPONDENCIA

Sr. Redator.

Alhi vai mais um facto passado comigo, para reforçar as provas do artigo que se lê no seu acreditado periodico n.º 34, com a epigraphe— A administração do sr. visconde de Pindella— no qual s. ex.º é accusado de inercia e incapacidade administrativa para exercer a alta dignidade de governador civil. É o facto o seguinte:

No dia 26 de Maio do anno corrente, foi chamado (o sr. administrador da Povoia de Lanhoso não quer que diga citado) para prestar contas da minha administração do Santuario de N. Senhora do Porto d'Ave desde o 1.º de Julho de 1865 até á data da minha suspensão: isto tendo eu pedido repetidas vezes os livros, para dar contas. Causava riso a um morto os disparates que continha a intimação ou citação que me foi apresentada, porém deixei-me-a. A verdade é que as contas foram dadas no referido dia, e são passados quasi dois mezes, e s. ex.º ainda as não approvou, nem disse a razão porque o não tinha feito. Cansado já de esperar fiz-lhe um requerimento no dia 16 de Julho para saber o andamento em que estava o exame, e tive o seguinte despacho: «O exame das contas a que o supplicante se refere já está em andamento, e a final terão o provimento que merecerem».

É até hoje ainda nada de novo. Sei que s. ex.º tem empregado toda a sua finura e actividade em uma celebre syndicança que mandou tirar a meu respeito, escolhendo para testemunhas os meus maiores inimigos, para ver se d'esta forma pôde exercer mais uma ridicula vingança, porém d'esta vez parece-me que será mal succedida a rabulice do sr. José Joaquim, porque ha quasi um mez que se ardia a trama, e ainda me não consta que viessem formar-me processo. Não é, por certo, o amor do engrandecimento do Santuario que move s. ex.º, pois todos sabemos a protecção que lhe dispensa, é a sede de vingança; é o querer-se tornar desgraçado celebre em todo o districto. Se não fôra isso, não teria s. ex.º no concelho pessoas que o informassem imparcialmente. Se não fôra isso, seria necessario inquietar algumas das testemunhas, em casa do sr. padre Caeetano José da Cruz Barros, actual padre capellão, no dia do juramento? Se não fôra isso, seria preciso vir de Braga o sr. administrador proprietario de proposito para esse fim? Todas estas ardis se desfazem com um sopro da verdade. Provoque sua ex.º para que appareça nos tribunaes com o seu indigno projecto de vingança, para esmagar essa vibora assanhada, que procura de toda a maneira morder-me no calcão. Provoque s. ex.º, repito, para que appareça com sua obra preparada nas trevas, com o fim unico de bellicisar minha honra, ou (como dizia uma das testemunhas) para me inutilisar a qualquer reparação que por ventura uma autoridade mais justiceira quizesse fazer. Provoque finalmente, s. ex.º, para que appareça nos tribunaes, porque quero responder a uma infame papeleta, ou antes a um insulto á grammatica, á boa educação, ao senso commum e á verdade assignado pelo miliciano Constantino Vieira de Castro, e sendo este venerando cidadão uma das testemunhas que deposeram contra mim, quero primeiro saber o seu juramento, para de uma vez o corrigir duplamente.

Sr. redactor, é tãta confiança que tenho na verdade e justiça de minha causa, que me parece, não será necessario armar-me de funda para derrubar este Golias dos tempos modernos!!! É nos tribunaes que se hade saber quem sophista a verdade. Pela publicação d'este justo desafogo desde já se confessa de V. Sr. Redactor, summamente agradecido o seu assignante e constante leitor. Corredoura 17 de Julho de 1866. Padre Joaquim Baptista Vieira.

COMMUNICADO

Villa Nova de Famalicao 17 de Julho de 1866.

(Do nosso correspondente)

Vou dar-lhe hoje algumas novidades desta terra. E começando pelo que ha de mais notavel, fallarei primeiramente d'uma grande função religiosa, que ante-hontem teve lugar na freguezia de Joanne, d'este concelho. Foi o cumprimento d'um voto, feito pelo ex.º Commendador Antonio Luiz Machado Guimarães em 1850, caso voltasse do Brasil em 1860, são, e salvo, e com os seus negocios bem dispostos. Sairam-lhe as cousas á feição dos seus desejos; ouviu o Altissimo as suas orações. Cumpriu a promessa; fez-se ante-hontem a função, que foi em tudo digna do objecto d'ella. Foi uma festa ao Sacramento, e um dos acontecimentos religiosos que hade ficar gravado na memoria dos habitantes de Joanne, e freguezias visinhas pela grandezza e esplendor com que foi celebrado. Julgamos fazer um bom serviço a fé e á religião em geral na descripção simples e sing'la d'este acto de piedade, com o que prestamos incitamento ás repetições de tão edificantes ceremonias; e distribuimos o devido galardão a quem tão dignamente soube agradecer a Deus, a igreja de sua naturalidade, a benevolencia, com que foram attendidas as suas deprecções. Consta a festa de musica, missa cantada, sermão, fogo e arraial no dia e da vespera, sendo inumeravel a concorrência de povo em todas estas occasiões; dentro e em volta do templo de S. Salvador de Joanne.

Pueas funções se terão feito por estas terras, nas quaes se contasse um concurso de cavalheiros, como n'aquella, de que nos occupamos. Assistiram os ex.ºs. Juiz de Direito, Delegado, o Arcypreste da comarca, e um clero numeroso contendo-se alhi os parochos mais qualificados d'este concelho, e alguns de Guimarães.

A cerimonia religiosa correu no templo, que estava ricamente adornado de vistosa galha, perfectamente bem, sendo missa-cantante o rev.º Abade de S. Nicnte d'Oleiros, e fazendo as honras ao Sacramento um numero clero com suas competentes capas. A musica era allo mestre Paiva, de Braga, e agradeceu. Foi orador o rev.º Abade da Pousa, distincto academico da Universidade. Este orador ganhou mais uma flor para a sua brilhante corda de orador sagrado. Concluida a função da igreja, que durante as quatro horas da tarde, houve para os convidados um magnifico jantar em casa do pae do ex.º Commendador Machado, e a elle assistiram por cima de 300 pessoas, havendo a maior abundancia, e variedade de manjares, e reinando em tudo appendice indispensavel da função, a mais cordial alegria. Durante o banquete havia musica variada, e fizeram-se muitos brindes, retirando-se todos ao escurecer summamente penhorados do modo porque com elles se houveram o Sr. Commendador Machado, sua Ex.ª esposa e família. Para garantia da ordem publica esteve na função uma força do 8 commandada por um tenente, sendo digno de elogio, o comportamento dos soldados e officiaes durante toda a função. De Villa Nova houve n'este dia corridas para joanne, e não fizeram pequeno negocio nellas os Srs. Freitas, Florindo e Saltilho.

No dia seguinte, para o Sr. Commendador Machado acabar de coroar a festa com uma acção de piedade, deu um jantar a todos os pobres, que ali appareceram, que serão para cima de 250, servindo-os elle á meza e sua Ex.ª esposa.

Esta acção fica a cima de todo o elogio, que se possa fazer á pessoa que a praticou. Damos pois os parabens ao Sr. Commendador Machado pelo modo brilhante, com que cumpriu seu voto; e pela delicadeza e cavalheirismo com que se distinguem em tão apurados actos.

Ainda outra festa, no mesmo dia 15, cujo promotor a torna grande pelo seu nome. Foi a inauguração d'um monumento, que o illustre romancista Camilo Castello Branco mandou levantar, em Seide freguezia deste concelho, no quinta da Ex.ª Sr.ª D. Anna Placida, ao distincto escriptor Antonio Feliciano Castilho. Assistiram á esta cerimonia um grande numero de cavalheiros, contando-se no numero d'elles os dois illustres escriptores, que ja citei, e o insigne poeta Thomaz Ribeiro, e o filho do Ex.º Sr. Antonio Feliciano de Castilho. Foi uma cerimonia edificante, que ali se achavão. No fim d'esta cerimonia recitou o Ex.º Sr. Thomaz Ribeiro uma linda poesia.

Desta Villa nada ha que mereça attenção, a não ser a divergencia entre o actual administrador do concelho, e escrivão do fazenda por causa da distribuição da decima. O escrivão de fazenda é um empregado de summa probidade e imparcialidade. P. F.

# ANNUNCIOS DIVERSOS

Desde o dia 15 do corrente inclusive é prohibida a entrada de noite no passeio publico do Campo de Sant'Anna sem o previo pagamento de 20 rs. ás quintas feiras, e 10 rs. nos restantes dias da semana, para ser applicado o seu producto ao custeamento da illuminação do passeio, e mais despesas inherentes.

Braga 13 de julho de 1866.  
O Escrivão da Camara  
(96) Manoel Joaquim Manso.

No Paço do concelho pelas onze horas e meia da manhã dos dias 18 e 20 do corrente ha de ser arrematada a renda, do novo importe de 400 rs. sobre cada pipa de vinho que se consummír no concelho, authorisado pela lei de 28 de Maio ultimo, e cuja arrecadação ha de começar no dia 1.º d'Agosto proximo futuro.

Braga 13 de julho de 1866  
O Escrivão da Camara  
(94) Manoel Joaquim Manso.

## GENEBRA HOLANDEZA

Que se responde pela qualidade. Vende-se por botijas e frascos na livraria de Eduardo J. F. Coelho na esquina do campo de Sant'Anna.

## CHAPELARIA FRANCEZA

Rua do Souto n.º 15  
Manoel José de Campos Junior acaba de receber um deposito de chapelaria franceza de todas as qualidades. (52)

## ATENÇÃO MOURA & GOMES

LARGO DE N. S. ABRANCA N.º 4 e 5.

Tem entre muitissimos artigos proprios da estação, um variado sortimento de fazendas de linho para vestidos, ultimamente chegadas, e por um preço animador.

(100)

D. Maria Thereza da Motta da freguezia de Codegoso, concelho de Celorico de Basto, trata de se habilitar universal herdeira de seu defunto irmão Manoel Joaquim da Silva Motta, abbade que foi da freguezia de S. Julião de Serafão comarca de Fafe com fundamento em sua disposição testamentaria; estão correndo os 30 dias para citação das pessoas incertas que se julguem com direito á herança do dito testador, e averbação das inscrições de 3 por cento n.ºs 66342, 66343, 66344, e 66345, do capital de 100\$000 cada uma, e de 52692 do capital de 1000\$000 para o deduzirem pelo Juizo de Direito da comarca de Celorico de Basto e cartorio de Domingos Marinho da Silva pena de lançamento, que se verificará findo o referido praso e ultimo annuncio. (101)

## SANTA RITA DE CASSIA.

Os devotos desta milagroza Santa Rita de Cassia, que se venera na Igreja do Populo desta Cidade, reunidos em meza do dia 17 do corrente, resolveram celebrar a festividade da mesma Santa por todo o mez d'Agosto com menos pompa do que nos annos anteriores, tudo isto devido por terem abandonado a devoção o JUIZ, JUIZA, e E ALGUNS DEVOTOS. — E para que chegue ao conhecimento de todos declaram não fazerem peditorio, cotizando-se entre si para a despeza que se determinar fazer. (98)

## COMPANHIA GERAL DE CREDITO PRELIAL PORTUGUEZ

A Companhia Geral do Crédito Predial previne as pessoas não residentes nesta capital, que pertenderem fazer proposta d'emprestimos á mesma companhia, que podem dirigir-se directamente á respectiva secretaria, Largo de Sancto Antonio da Sé, n.º 23, pedindo os modelos, instrucções e condições para organisarem devidamente as suas propostas, as quaes poderão tambem remetter directamente á mesma secretaria, aonde lhe serão dadas todas as explicações que sollicitarem, e pela mesma serão convidados a apresentar quaesquer documentos que falem, ou a prestar os esclarecimentos precisos em ordem a regularisar as propostas, cujo andamento ou resultado lhes será tambem directamente comunicado.

Os proponentes residentes nas provincias do norte poderão, ou aproveitar-se do meio acima indicado, ou dirigir-se á delegação d'esta companhia na cidade do Porto.

Lisboa, 20 de Junho de 1866.

O Governador

Conde d'Avila.

(99)

## LIVRARIA PORTUGUEZA E ESTRAGEIRA

DE

EDUARDO JOSÉ FERNANDES COELHO, na esquina do campo de Sancta Anna

Correspondente da casa de Moré do Porto.

Recebeu as seguintes novas publicações: — (JARDIM DO POVO)

Os Homens do Mar, tomo 3.º . . . . . 140

Reportorio Remissivo, canonico-theologico, pelo fallecido padre José Duarte de Magalhães, 1 volume fórma d'Album . . . . . 1\$500

N. B.—O «Jardim do Povo», assigna-se e vende-se em casa do annunciante. (87)

## TYPOGRAPHIA DOS ORFÃOS



O director d'este estabelecimento, faz publico que se encarrega de qualquer encomenda, satisfazendo com promptidão os freguezes que o procurarem. O mesmo se responsabilisa pela nitidez e limpeza das encomendas. Recebe tambem obras a praso, mediante garantia; e tanto assim como a prompto pagamento, os preços serão o mais modicos possivel.

## PHOTOGRAPHIA PORTUGUEZA

DE

MATHIAS A. DE MAGALHÃES

56 R. do Souto 56.

Este gabinete photographico está aberto todos os dias desde as 10 horas da manhã até ás 3 da tarde.

Tiram-se retratos de todos os tamanhos reproduzem-se outros de photographia e daguerreotypo e pinturas a oleo.

Tiram-se vistas de edificios e paizagens para quadros ou stereoscopo.

Preço dos retratos em fórmató de bilhete de visita:

1	800 reis
2	1\$000
3	1\$200
6	1\$500
12	2\$250

(12)

## LIVRARIA NACIONAL E ESTRANGEIRA

DE

Eduardo J. F. Coelho. Esquina do Campo; de Santa Anna

Correspondente da casa de Moré do Porto

V da emilagres de St.º ANTONIO DE LISBOA. 2.ª edição 1 volume em 8.º	500
O Parocho, romance religioso de Rossely de Lorgues . . . . .	500
Horas de Paz. Escriptos religiosos de C. Castello Branco . . . . .	1\$000
A Immortalidade, a morte e a vida por Puchesse. Traducção de C. Castello Branco. 2.ª edição. . . . .	8.º 1\$000
A Divindade de Jesus. Traducção de C. Castello Branco . . . . .	600
Historia da vida de Nosso Senhor Jesus Christo por Ligny, 2 vol.º . . . . .	1\$440
Sermões de Sival, com uma introdução de C. C. Branco 1 . . . . .	1\$000
O Prégador Catholico, collecção de sermões inditos de Soares Franco. . . . .	1 volume 1\$000
Homelias e sermões parochiaes para todas as domingos do anno por J. I. Roquette. . . . .	2 volumes em 12.º 1\$800
O Mez de Maria, por Gratry 1 volume 18.º encadernado . . . . .	360
O Orador Sagrado, jornal dos Prégadores, 3 volumes em 8.º . . . . .	2\$400
As tres Romas, pelo padre Gaume, . . . . .	7 . em 12.º 1\$680
Guia do Parocho, por Manillion, 1 volume 12.º . . . . .	8.º 600
Jesus Christo perante o seculo, por Rossely de Lorgues, 1 v.º . . . . .	8.º 600
O Padre . . . . .	Madrolle 1 v.º 8.º 500
A Cruz nos dous mundos, por Rossely de Lorgues 2 v.º . . . . .	8.º 800
Resumo do cathecismo de perseverança, Gaume 4.º 2 v.º 12.º . . . . .	480
Obras completas de Bossuet 4 volumes em 4.º grande . . . . .	8\$000
. . . . .	Bourdatone 3 . . . . . 4\$000
. . . . .	Massillon 2 . . . . . 6\$000

Grande sortimento de Obras religiosas portuguezas e francezas.

O annunciante encarrega-se de mandar com brevidade qualquer encomenda, tanto do paiz como da França e da Inglaterra. (11)

GRAND DICTIONNAIRE UNIVERSEL DU XIX SIECLE  
Eduardo José Fernandes Coelho  
Na esquina do Campo de Sancta Anna  
Correspondente da casa de Moré do Porto  
Braga 22 de Março de 1866. (41)

LIVRARIA PORTUGUEZA E ESTRANGEIRA

DE

Eduardo José Fernandes Coelho

Correspondente da casa de Moré do Porto

Recebeu as seguintes novas publicações: Sanson; Semaines Scientifiques 1 V.º em 12-700. CAMILLO CASTELLO BRANCO; o Judeu, Romance Historico 2 v. 1\$000; Jardim do Povo; o laço de Flores, traduzido do hespanhol 1 volume 140; Affonse Dantier, Les Monastères Benedictens d'Italie 2 lindos volumes em 8.º 3\$000; Grammatica Portugueza do B. J. D'OLIVEIRA, 3.ª edição 450 rs. (3)

## PILULAS E UNGUENTO

DE

HOLLOWAY

Estes medicamentos obtem uma accetiação e uma venda mais universal do que qualquer outro remedio no mundo.

AS PILULAS são o melhor purificano conhecido para o sangue, corrige todas as desordens do figado e do estomago, e são igualmente efficazes nos casos de dysentria; finalmente, como remedio de familia não tem rival.

O UNGUENTO cura prompta e radicalmente as feridas antigas, chagas, ulceras ainda que tenham 20 annos de existencia) em um especifico infallivel contra as enfermidades cutaneas por mais malignas que sejam taes como lepra, escorbuto, sarna, e todas as affecções de pelle. Cada caixa de pilulas, e pote de unguento vão acompanhados de amplas instrucções para o uso do respectivo medicamento, podendo-se obter estas instrucções em todas as linguas conhecidas.

AS PREPARAÇÕES DE HOLLOWAY vendem-se em todos os paizes do mundo sem exceptuar Siao, China, India, as ilhas do Archipelago Oriental, Seria, Arabia, Grecia e Turquia) e no nosso encontram-se em todas as principaes boticas.

As pilulas e unguento de Holloway acham-se á venda em Lisboa em casa da viuva Barreto, rua do Loreto n.º 28, e dos snrs. Barral e irmão, rua Aurea n.º 126. — E no Porto em casa do sr Miguel J. de Souza Ferreira, rua da Banharia n.º 77 a 79 e na do sr. Thomaz Bowden, rua de S. Francisco n.º 4. (16)

PROPRIETARIO—Augusto Valladares

ADMINISTRADOR—Francisco José Lopes

PUBLICA-SE ÁS QUINTAS FEIRAS E DOMINGOS

Assigna-se, em Braga, no escriptorio da redacção, rua Nova n.º 24. Este jornal não póde assignar-se por menos de seis mezes. As assignaturas devem ser pagas por trimestre adiantado. Preço por semestre 2\$000: (peço correio franco) 2\$240: por anno 3\$500; pelo correio franco) 3\$980. Annuncios 20 reis por linha. Comunicados e correspondencias de interesse particular 40 rs. por linha. Folha avulso 50 rs. Os snrs. assignantes terão abatimento de 25 % no preço de todos os seus annuncios. Terão alem d'isso, por mez, um annuncio repetido, gratis.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao director do jornal, estampilhada. Escriptos que não tenham estampilha de franquia não serão recebidos. Publicações de interesse particular são pagas. Os escriptos enviados á redacção sejam ou não publicados, não serão restituídos.